

MARIA CÉLIA DE MORAES LEONEL

ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL



E MODERNISMO

HUCITEC / PRÓ-MEMÓRIA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

MARIA CÉLIA DE MORAES LEONEL

ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL
E MODERNISMO

EDITORA HUCITEC

em convênio com o

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

São Paulo, 1984

Direitos autorais, 1978, de Maria Célia de Moraes Leonel. Direitos de publicação reservados pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia Hucitec Ltda., Rua Comendador Eduardo Saccab, 342-344, 04602 São Paulo, Brasil. Telefone: (011) 61-6319.

Capa de João Baptista da Costa Aguiar.

CIP-Brasil

Leonel, Maria Célia de Moraes.

L599e Estética e modernismo / Maria Célia de Moraes Leonel.
— São Paulo : HUCITEC ; [Brasília] : INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
(Linguagem e cultura)

Bibliografia.

1. Estética (Revista) 2. Modernismo (Literatura) I.
Instituto Nacional do Livro. II. Título.

CCF/CBL/SP-84-0914

CDD:701.1705
:869.9004
CDU:7.01(05)

Índices para catálogo sistemático (CDD):

1. Brasil : Revista Estética 701.1705
2. Estética : Revista : Artes 701.1705
3. Modernismo : Século 20 : Literatura brasileira 869.9004

Democrata tomou partido da Aliança Liberal. Eu não fazia política naquela época, não tinha posição, mas tinha relações pessoais e literárias com Júlio Prestes. Quem me aproximou dele foi o Oswald de Andrade. O Júlio Prestes fez um poema pau-brasil muito bom, de fundo político, chamado "1830", a propósito da revolução do Sul. Mas esse meu primo veio ao Rio e fez declarações a *O Globo*, partindo com descompostura sobre Júlio Prestes. Eu não podia permitir que pensassem que a declaração fosse minha. Mandei uma carta para *O Globo*, explicando que as palavras deviam ser de meu primo, cujo nome era Prudente Zanota Barros e que eu o convidava a adotar esse nome.

P. — Voltando a *Estética*, a carta que os diretores receberam sobre Gilberto Freyre foi publicada?

P.M.n. — Não foi publicada. Nós a recebemos em face de anunciarmos que no segundo número sairia um artigo de Sérgio sobre Joyce. A carta trazia um artigo recortado do *Diário de Pernambuco* sobre Gilberto Freyre. Tínhamos resolvido publicar a carta e o recorte no número quatro. Graça Aranha disse que não podíamos publicar, porque se tratava de nosso inimigo, pois ficou com o Oliveira Lima, contra Nabuco!

Entrevista com Pedro Nava

Pergunta — De que maneira o Sr. ligou-se aos idealizadores de *Estética*?

Pedro Nava — Prudente já era companheiro de colégio no Pedro II. Depois fui para Belo Horizonte, onde fiz medicina. Retomamos contato com o aparecimento do Modernismo, quando ele me procurou. Creio que conheci o Sérgio uns três meses antes de sair *Estética*, embora Prudente e Drummond afirmem que ele não foi a Belo Horizonte naquela ocasião.

P. — Qual era o panorama literário em Belo Horizonte quando apareceu *Estética*?

P.N. — Já havia uma corrente modernista, a que eu pertencia, constituída pelo grupo: Carlos Drummond, Emilio Moura, João Guimarães, primo do João Alphonsus, Martins de Almeida, Alberto e Mário Campos, Gustavo Capanema e Milton Campos. O Drummond colaborava em *Paratodos*. Aníbal Machado e outros cinco colaboradores haviam publicado um folhetim — "O capote do guarda" — n' *O Estado de Minas*, com trinta e seis capítulos. Cada um escre-

veu seis capítulos. Percebi que n' "O capote" havia algo diferente, acredito que fosse uma obra pré-modernista. Deve ser de 22 ou 21. Tentei obter os jornais posteriormente, mas não consegui. O primeiro homem de letras modernista foi o Aníbal.

Antes da Semana de Arte Moderna, Zina Aita fez uma exposição em Belo Horizonte e foi atacada pelos jornais. Havia, entretanto, um clima diferente em vários setores estéticos do país. Não tivemos grandes notícias da Semana. Só me lembro de ter tido conhecimento dela em 23 ou 24. A *Klaxon*, a *Terra Roxa*, a *Revista de Antropofagia* circularam em Belo Horizonte, mas *Estética* foi a primeira a ser distribuída por lá.

P. — Em que consistiu seu apoio a *Estética*?

P.N. — Meu papel foi o de cavar assinaturas. Recebia minha porcentagem em livros e como não tinha muito dinheiro para isso, achava muito bom. Só consegui umas dez assinaturas. Tentei mesmo colocar números avulsos à venda em livrarias. Achavam que a revista era agressiva demais. Muitos não me pagaram. *Estética* foi recebida com entusiasmo por seis pessoas. Hoje deve ser difícil encontrar lá um exemplar da revista.

Éramos muito marginalizados na época, como os *hippies* de hoje, protestando contra tudo e contra todos, protestando contra o julgamento de Sacco e Vanzetti, arrebatando casas e bondes. A sociedade local ficava indignada. Talvez tenhamos protestado contra a cidade.

P. — Por que o Sr. foi escolhido para desenhar os anúncios de *Estética*?

P.N. — Tinha jeito para a coisa, mas nunca fiz praça de pintor ou desenhista. Desenhava de maneira descuidada e fiz para *Estética* um desenho do guaraná Espumante e do chocolate Lacta. Desenhei também para o Mês modernista d'A Noite.

P. — O Sr. teria cartas de Prudente de Moraes, neto sobre *Estética*?

P.N. — Não tenho nada, não conservei minha correspondência com Prudente.

P. — O Sr. acredita que a distribuição de *Estética* em Belo Horizonte tenha facilitado a aceitação de *A Revista*?

P.N. — A *Estética* exerceu grande influência para o aparecimento de *A Revista*, que contou com colaboradores do grupo paulista, também presentes em *Estética*. O grupo do Rio foi muito ligado ao de São Paulo e ao de Minas.

A idéia de fazer *A Revista* surgiu mais ou menos no ano da pu-

blicação de *Estética*. Fui contra o nome, era óbvio demais, mas o Carlos Drummond fez questão que fosse assim. Pensamos em "Queijo de Minas".

P. — Quais eram as posições políticas do grupo?

P.N. — Politicamente não queríamos a situação como estava, mas nossa preocupação era mais literária que política. Os modernistas não tiveram nada a ver com os tenentes, como querem mostrar hoje em dia.

Não fazíamos em Minas guerra contra o Simbolismo, mas contra a literatura acadêmica. A volta ao nacional foi feita pela nossa geração. A preocupação de conservar tudo que represente a cultura do passado começa conosco.

P. — Com quais outros modernistas de São Paulo e do Rio o Sr. manteve contato?

P.N. — Em 1924 estive em Belo Horizonte um grupo de modernistas de São Paulo, acompanhados de Blaise Cendrars. Essa viagem inspirou o "Noturno de Belo Horizonte" de Mário de Andrade. Só retomei contato com Mário e com Oswald como médico no Rio, onde moro desde 1933. Mantive correspondência com Mário desde 1924, até a véspera de sua morte. Essas cartas, num total de doze, serão publicadas pela editora Macunaíma da Bahia. Serão mais ou menos oitenta páginas, com notas de rodapé, em edição de luxo. Eu mesmo estou datilografando as cartas e pretendo manter a grafia. Às vezes, numa mesma carta, uma palavra aparece com duas grafias diferentes.

P. — O Sr. está elaborando o terceiro livro de memórias que deve tratar do Modernismo?

P.N. — O terceiro volume sairá em abril, pela José Olympio e tem alguma coisa sobre o Modernismo. Como o livro estivesse muito comprido, resolvi cortá-lo e o Modernismo aparecerá no quarto, que comecei a escrever em janeiro.

P. — Além dos livros de memórias, com que outras expressões da literatura o Sr. se ocupou?

P.N. — Antes dos volumes de memórias só levava vida de médico, escrevendo colaboração médica. Há pouco comecei a escrever mais assiduamente. Escrevi poemas que foram publicados pelo Manuel Bandeira, como poeta bissexto. No meu livro, publicarei um poema de importância cronológica, quando imitava os poemas de Mário de Andrade.

Fiz crítica de pintura e também crônicas no *Diário da Tarde* há uns vinte anos mais ou menos, por instância do Prudente.

P. — Há mais alguma informação que o Sr. possa prestar a respeito de *Estética*?

P.N. — Em 1974 por ocasião do cinquentenário de *Estética*, houve uma comemoração em um teatro do Rio, organizada por Mário Camarinha, da qual participaram Prudente de Moraes, neto, Afonso Arinos, Alphonsus de Guimarães, Sérgio Buarque de Holanda e eu. Foi uma espécie de mesa-redonda, respondemos a questões dos presentes.

P. — O acontecimento foi gravado ou noticiado por algum jornal?

P.N. — Não.

4. Os diretores de *Estética* e o Modernismo Brasileiro

Como a atividade de Prudente de Moraes, neto e de Sérgio Buarque de Holanda dentro do Modernismo Brasileiro não se limitou à realização de *Estética* e como ambos não têm sido suficientemente lembrados nos trabalhos relativos ao Movimento, incluímos aqui subsídios para o estudo de sua contribuição à literatura de vanguarda no Brasil.

Quando organizaram a revista de que tratamos, Prudente tinha vinte anos e Sérgio vinte e dois. Apesar da pouca idade, ambos já haviam feito sua estréia na imprensa, mas apenas Sérgio Buarque publicara comentários sobre a fase embrionária do Movimento. A revista *Fon-Fon*, em dezembro de 1921, trouxe um artigo de sua autoria, intitulado "O futurismo paulista". O trabalho esclarece que, embora possam ser chamados futuristas, os novos de São Paulo não se prendem a Marinetti, mas "(...) antes têm mais pontos de contato com os modernísimos da França desde os passadistas Romain Rolland, Barbusse e Marcel Proust até os esquisitos Jacob, Apollinaire, Stietz, Salmon, Picabia e Tzara."²⁶ Os "chefes" do movimento de libertação em São Paulo anunciados no artigo são Menotti del Picchia, Oswald de Andrade. Inclui ainda, entre os "futuristas", Guilherme de Almeida, de modo a expor já a dificuldade de inserir esse poeta no Modernismo: "Não é preciso citar Guilherme de Almeida que, aliás, com sua visão estética originalíssima está um pouco fora do movimento."²⁷

²⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O futurismo paulista. *Fon-Fon*, revista semanal, Rio de Janeiro, 10 dez. 1911.

²⁷ Id., *ibid.*